

ISLÃO:

ORDEM PARA MATAR

Depois das tréguas com o Iraque, que deixaram um sabor amargo a rendição, o Irão, gravemente ferido, arruinado, só, entrou num período de desencanto e de divisões internas. A hora do fervor religioso que inflamou as hordas iranianas sucedeu-se a da pausa para o balanço, penoso, da guerra, o ajuste de contas. Com o "guia da revolução" envelhecido, doente, desencadeou-se a luta pela sucessão, e o Ocidente deixou-se embalar pela esperança secreta na vitória dos moderados (ou dos menos extremistas).

Mas quando todos julgavam a "cólera santa" de Khomeini adormecida não só pelos anos e pela doença como também pelo "veneno" da taça que confessou ter sido obrigado a beber ao aceitar as tréguas com "Satã" (o Iraque, na terminologia iraniana), eis que ela volta a inflamar-se, para incitar não só os iranianos mas todo o mundo islâmico a uma nova "Ji-

had" contra... um livro, ou melhor, contra um homem, acusado de ter ofendido a honra do Islão ao retratar o Profeta em termos considerados sacrílegos, nuns "Versos Satânicos" que para o Irão o são realmente.

A mão do imã volta a erguer-se para servir a morte, assinalando o sacrílego a abater. E, ao mesmo tempo, acena com a aura de mártir ao que perecer na tentativa de executar a missão considerada sagrada. Como já o fizera ao incitar ao suicídio milhares de iranianos, enviados praticamente sem outras armas senão o seu fanatismo contra os tanques iraquianos.

Perplexo, o Ocidente assiste ao ressurgir de intransigências anacrónicas que, em pleno século 20, lhe recordam um período negro do seu passado. E, redimido do "pecado" pela distância a que hoje se encontra desse passado, em tempo e em pensamento, condena o Irão, votando-o ao ostracismo.

Além do desprezo pela vida humana e pela liberdade de expressão de que o Irão dá prova, causa indignação o facto de, não se limitando a impor nas suas fronteiras uma interpretação intransigente e sectária da revolução islâmica e a tentar "exportá-la" para outros países muçulma-

nos, pretender agora que a "sharia" se aplique em todo o mundo, não hesitando em estender o seu longo braço para atingir um cidadão não-iraniano que vive no Ocidente.

É também motivo para preocupação o facto de a sentença de morte encontrar resposta favorável entre muitos crentes muçulmanos, inclusive os que vivem na Europa, que volta, assim, a tomar consciência das enormes distâncias que a separam dessas comunidades que vivem no seu seio. E ao aprofundar desse fosso não será estranho o sentimento de discriminação comum às populações islâmicas dispersas pelas grandes cidades europeias, sentimento que as torna mais vulneráveis ao apelo à unidade religiosa e cultural lançado pelo Irão.

A nova investida do fanatismo iraniano deitou, pois, por terra as expectativas de aproximação ao Irão, e o Ocidente interroga-se sobre se ela não estará ligada à necessidade de calar os sectores mais moderados e pragmáticos do regime iraniano, que preconizam uma melhoria de relações com a Europa e os Estados Unidos, e de voltar a mobilizar as massas que o fracasso da guerra, da revolução, deixou sem alento.

F.V.



A condenação à morte de Rushdie volta a mobilizar as massas que o fracasso da guerra desalentara (Telefoto AFP/Lusa)